

O VIRUS DO CAPITAL E AS MOLÉSTIAS DA MERCADORIA.

CAPITAL VIRUS AND MERCHANDISE MOLESTIES

O VIRUS DEL CAPITAL Y MOLESTIAS DE MERCANCÍA

Marcelo Lira SILVA¹

Resumo: O trabalho em questão fundamenta-se na tese de que a crise sanitário-humanitária imposta pela pandemia (Sars-cov-2, o novo coronavírus/COVID-19) emergiu como um gatilho detonador de uma nova fase da crise estrutural do capital, caracterizada pela confluência de diversas crises próprias das leis econômicas. Nesse sentido, acelerou processos de transformações que já se encontravam em curso, de tal forma a explicitar a disputa pelos mercados futuros, principalmente, no âmbito da economia digital, todavia, presente em uma multiplicidade de mercados tradicionais, tais como o energético, visto que os mercados são estruturados em relações de interdependência. Assim, a crise abriu um novo ciclo de acumulação do capital que tendencialmente caminhará para o redesenho das relações internacionais, bem como da relação entre capital-imperialismo e periferia.

Palavras-chave: capital-imperialismo, pandemia de COVID-19, crise estrutural.

INTRODUÇÃO.

Em *Der Zauberberg/1924*, o pensador liberal alemão Thomas Mann (1875-1955) escrevera sobre o entrelaçamento contraditório de um conjunto de relações sociais de uma sociedade localizada temporalmente próxima ao escritor, todavia, contraditoriamente, parecia ter ocorrido em um tempo longínquo, devido a dinâmica do tempo presente. Assim, o tempo emerge, como uma forma de superação de seu *em-si-mesmamento*, próprio do mundo imediato e da experiência temporal e apresenta-se ao leitor como um *para-si* permanente, em todas as suas contradições. Tratara-se da apresentação de uma discussão acerca dos sentidos e significados do tempo e da história, bem como da perda progressiva da medida do tempo e dos sentidos e significados da própria história: *dissolvida e fragmentada*. Ora, o tempo, que a depender do processo histórico, se estende, se acelera e/ou se dilui, de tal forma a expor a dinâmica, o movimento e as contradições da história. Assim, apresentara a alegoria de uma montanha caracterizada no mundo imediato por ser um lugar paradisíaco isolado, no qual as elites se encontravam em busca da vida, todavia, no mundo mediatizado, marcado por um encontro selado com a

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Campus Goiânia. Goiânia, Goiás, Brasil. Email: marcelo.silva@ifg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3457-0864>
<http://doi.org/10.36311/1519-0110.2020.v21n2.p27-56>

morte. *O que estaria para além da montanha?* A iminente e irreversível convulsão social, organizada e desorganizada, que desembocou: 1) em Duas Grandes Guerras Mundiais; 2) na Revolução Russa de 1917; 3) na Ascensão e Decadência do NaziFascismo; 4) na Crise de 1929; 5) nos Bombardeamentos Atômicos de Hiroshima e Nagasaki, promovidos pelos Estados Unidos da América (EUA); 6) na Ascensão do Império Estadunidense; 7) na Revolução Chinesa de 1949; 8) na Guerra Fria, dentre outros eventos históricos de igual ou menor magnitude, alteraram profundamente a história da humanidade. Nascera um novo mundo, gestado de uma sociedade em crise que não se percebera em processo de desagregação político-econômica e sociocultural, até que se deparara com sua rápida e irreversível dissolução. Emergira uma concepção de história, compreendida e apresentada, a partir de seu complexo movimento contraditório, no e a partir do qual o *ser social* surgira como o único responsável por tecer a teia social, com pontos de fios em aberto, portanto, com diversas lógicas de tessituras possíveis, de tal forma a permitir a constituição de novos movimentos, modelos e tecelagens. Talvez, as concepções de *tempo* e *história*, bem como as reflexões propostas por Mann, há quase um século, nos ajude a compreender as transformações em curso, no início do século XXI, particularmente, no mundo pós-pandemia.

SUPRASSUNÇÃO E CONFLUÊNCIAS DE CRISES.

A dinâmica e o movimento contraditórios que fundamentam e consubstanciam a *reprodução ampliada do capital* possuem uma racionalidade e um cálculo particular de tipo *reificado*, de tal forma a apresentar o *capital monetário* como a mais sofisticada e complexa *mercadoria*, na medida em que cria as condições objetivas e subjetivas para a expansão das relações sociais, estruturais e determinantes para a produção e extração do *mais-valor*, ao mesmo tempo, desloca-se ficticiamente das relações mundanas, apresentando-se sob a forma de reprodução autômata. Assim, o *capital monetário* complexifica-se e determina-se na forma de *capital portador de juros* e *capital fictício*. Trata-se de processo complexo, dinâmico e contraditório, a partir do qual se manifesta sob a determinação de grandes volumes de massas de capital, sob a forma de *capital fictício*, ao mesmo tempo em que determina indiretamente a dinâmica e o movimento do *capital funcionante*, pois necessita controlar, (re)modelar e coagir a *classe trabalhadora*, bem como o próprio *exército industrial de reserva*, para garantir sua existência e sua aparência de instância autônoma que se autoreproduz.

O movimento contraditório produz tensões de diversas ordens, expressos na movimentação das *frações de classe dominante* que constituem o *bloco no poder* dos Estados nacionais específicos. Todavia, a contradição e tensão permanente entre interesses e concepções aparentemente contraditórios, constituem uma unidade de contrários complexa, na medida em que a *reprodução ampliada do capital* exige a completude do circuito: *D-d-m-d'-D'*, visto tanto pelos sujeitos sociopolíticos (*homo economicus*) que monopolizam e centralizam tanto *capital monetário* quanto *funcionante*,

como desperdício, buscando incessantemente reduzir o tempo de *valorização do valor*, em uma ilusória e impossível determinação: $D-D'$, da qual o fenômeno das moedas digitais emergem como representação simbólica. Assim, o *capital monetário*, nos marcos do desenvolvimento do capitalismo contemporâneo, apesar de manter os fundamentos usurários, que caracterizavam os Bancos, transformara-se completamente, na medida em que o *mais-valor* advindo do processo produtivo: $d-m-d'$, necessita ser partilhado entre *capital funcionante* ($d-m-d'$) e *capital monetário* ($D-D'$), pois ao fundir-se em uma dinâmica de retroalimentação permanente, apesar do primeiro ser responsável direto pela sua produção, é o segundo quem possui as condições objetivas e subjetivas para seu estímulo expansivo, difusão e generalização global.

Quando Adam Smith desvendara a natureza dinâmica e expansiva do capitalismo, não percebera que sua aparente natureza fundamentava-se em uma relação social complexa, estruturada no princípio da contradição e identidade, a partir do qual emergira uma unidade de contrários entre *capital monetário* e *funcionante*, como demonstrara Marx (2011). O *capital funcionante* não poderia expandir-se, dinamizar-se e diferenciar-se, em movimentos e dinâmicas aparentemente autônomos, sem o desenvolvimento e a capacidade de difusão e generalização do *capital monetário*. Assim, o *capital-imperialismo* (LENIN, 1975) - fenômeno social complexo, particular do século XX, a partir do qual se consubstanciou a passagem do capitalismo concorrencial para o monopolista - exige que o *capital monetário* subordine o *funcionante*, pois cria a ilusão de que o primeiro autonomizou-se e pode reproduzir-se a si mesmo. A chamada *indústria 4.0* que fundamenta a *economia digital*, estrutura-se nessa ilusão, na medida em que necessita aumentar e difundir globalmente os níveis de espoliação da *classe trabalhadora*, ao desestruturar os *mercados de trabalho* e precarizar as relações de trabalho, via difusão do uso da *inteligência artificial* nos diversos momentos do circuito de *reprodução ampliada do capital*, aumentando os níveis e volumes de contingentes populacionais super empobrecidos (*população excedente*) por todo o planeta.

Os três momentos do movimento do capital, dois na circulação e um na produção, caracterizam-se e definem-se por serem processos periódicos, constitutivo da *rotação do capital*. Assim, a reprodução do capital dependeria fundamentalmente de D' , entendida enquanto base fundamental do novo processo produtivo. Nesse sentido, quanto maior a porção considerada a proporção c e v , mais ampliada a *reprodução*, e, portanto, mais profundo o processo de *acumulação*. Trata-se de processo permanente e ininterrupto. Assim, a continuidade da produção e , portanto, da *reprodução ampliada*, depende do fluxo permanente dos momentos em questão. A interrupção de um dos momentos abriria inexoravelmente o espaço para as crises. O *tempo de rotação* do capital é igual à soma de seu *tempo de circulação* e de seu *tempo de produção*. Assim sendo, o interesse do capitalista é o de *reduzir ao máximo o tempo de rotação do capital*, aumentando o ritmo do processo de acumulação. Trata-se de maximizar o **número de rotações no menor tempo possível**. Tal processo independe da vontade do capitalista, impõe-se como

lógica *reificada* do capital, sob pena de desaparecimento do capitalista que não venha a se submeter ao ritmo imposto pelo próprio cálculo e dinâmica instituído pelo *modo de vida* da sociabilidade burguesa. A lógica *reificada* do capital impõe a intensificação do ritmo do trabalho e a incorporação permanente de novas tecnologias, impondo-se a imperiosidade de inovações inclusive no campo administrativo-organizativo das empresas, alterando a forma e o conteúdo da estruturação produtiva existente.

A racionalidade e o cálculo, presentes na *reprodução ampliada do capital*, integram globalmente todos os tipos e formas de capital e ao fazê-lo, ao mesmo tempo em que impõe sua natureza dinâmica e expansiva, forja por um lado *processos de superprodução*; e, *processos de super concentração-centralização*, incapazes de produzir *valorização do valor*, nos níveis exigidos pelo enraizamento e generalização da racionalidade e do cálculo de *reprodução ampliada do capital*. Trata-se da inexorabilidade do fenômeno social das crises, que se apresenta sob a forma imediata de *crise econômica*, na medida em que a natureza do *homo economicus*, forjada, difundida e generalizada pelas revoluções e sociabilidade burguesa, projetou o holograma de um indivíduo que busca maximizar-se no mercado. A *reificação* produzida pela sociabilidade burguesa sobre o homem e suas relações sociais projeta formas e tipos de *fetichismos* que tendem a compreender a economia como instância superior e autônoma.

Nesse sentido, a *crise econômica* apresenta-se como manifestação fenomênica, na medida em que seu fundamento é a crise de sociabilidade que impõem misérias de toda ordem e natureza a contingentes populacionais cada vez maiores. Isso não quer dizer que a crise leve a desagregação do *modo de vida* capitalista, antes o contrário, é funcional a sua dinâmica expansiva, todavia, cria travagens a qualquer perspectiva civilizatória, de tal forma a impor níveis e tipos de regressões culturais de diversas ordens, dentre as quais, até o momento, o nazifascismo, compreendido enquanto fenômeno social próprio do *capital-imperialismo*, emergiu enquanto representação mais avançada. Deve-se destacar que tal fenômeno foi derrotado em sua manifestação imediata, presente nos regimes políticos alemão e italiano, como desfecho da Segunda Guerra Mundial, todavia, persistiram e difundiram-se, ao longo das décadas subsequentes, resignificando-se e adaptando-se a particularidades específicas, como cultura política e forma regressiva da própria sociabilidade burguesa. Pode-se dizer que o *homo economicus*, enquanto representação simbólica do indivíduo maximizado é a protoforma da facistização do cotidiano.

Para que o capitalismo se generalizasse como *modo de vida*, fora necessário a imposição de *processos de acumulação originários do capital*, a partir dos quais se impôs, pela força da espada, a expansão e difusão da sociabilidade burguesa, o que implicou, objetivamente, na destruição e genocídio de diversos povos originários, bem como a escravização de grandes contingentes populacionais. Portanto, a gestação e o parto do *modo de vida e da sociabilidade burguesa* fundamentaram-se no sacrifício e no extermínio de grandes contingentes populacionais que foram exterminados ou escravizados. Deve-

se destacar que a natureza bárbara do capitalismo, presente nos *processos de acumulação originário*, não desapareceu com a *hegemonia civil* do capital. Antes o contrário, prevaleceu sob diversas formas, ao longo dos séculos XIX, XX e persistem no século XXI, de forma direta: quando se avalia a difusão e generalização de trabalhos análogos a escravidão; e, de forma indireta, mediante processos de expropriação de bens naturais, como a água e mesmo de direitos básicos, como a saúde e educação – que passam por intenso processo de *mercadorização*. De acordo com Harvey (2004), o capitalismo contemporâneo caracteriza-se pelo renascimento de tipos particulares de *processos de acumulação primitiva*, sob a forma da *dispossession– acumulação por expropriação* –, bem como da objetivação de um conjunto de mecanismos e instrumentos sociopolíticos, a partir dos quais se impõe processos de *acumulação por espoliação*, na medida em que elimina direitos fundamentais de grandes contingentes populacionais, particularmente, na periferia capitalista, como nos casos do acesso à água, saneamento básico, saúde, educação, conhecimento, patrimônio histórico material e imaterial; ou seja, intensifica-se o processo de *mercadorização* de todos os processos e relações humanas, *coisificando-as* e submetendo-as a racionalidade e ao cálculo *reificado*, normalizados pelo capital.

Se no âmbito do capitalismo avançado predomina a *acumulação produtiva*, a partir da qual se projeta um sistema de suposta civilização liberal-burguesa, nas periferias do capitalismo impõe-se a *acumulação predatória*, imposta pelo *capital-imperialismo*. Todavia, a imposição de abertura e aprofundamento de processos de *desindustrialização* e desestruturação dos Estados nacionais à periferia, via *acumulação predatória*, produziu e produz grandes contingentes super empobrecidos que passaram a ameaçar as fronteiras do epicentro do capital, com a imigração e o deslocamento de grandes contingentes populacionais, provocado pelas guerras e/ou outros tipos de miséria humana (refugiados, deslocamento interno, imigração ilegal). Tratar-se-ia de fenômenos sociais que fizeram com que as questões nacional e colonial ressurgissem na contemporaneidade.

Um dos paradigmas centrais para se entender o entrelaçamento de crises, sanitário-humanitária, político-econômica e sociocultural, são os níveis de desenvolvimento e generalização das *Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs)*, naquilo que diz respeito à produção, difusão e generalização da chamada *economia digital*, como forma de alterar a natureza da produção e, portanto, os *tipos e formas* de serviços – intensivos em tecnologia. Trata-se de uma nova *divisão do trabalho*, *intra* e *entre* Estados nacionais, mediada e forjada a partir da flexibilização, deslocalização (*offshore*) e terceirização, em nível e escala nacional, regional e global, como forma de forjar *cadeias globais de produção de valor* extremamente complexas. Nesse sentido, desenha-se e modela-se um novo tipo de *divisão do trabalho*, naquilo que diz respeito a relação contraditória e, portanto, de unidade, entre *software* (criação-inovação de tecnologia, bem como, planejamento, organização, coordenação dos processos produtivos) e *hardware* (operacionalização e efetivação dos processos), enquanto estratégia de efetivação de *vantagens comparativas*.

Deve-se destacar que a crise do capital dos anos de 1970 demarcou o colapso do sistema Bretton Woods (1944-1971), bem como o esgotamento do *ciclo de acumulação do capital* estruturado no e pelo binômio *tylorismo-fordismo*. Nos marcos da *ideologia da globalização* impôs-se universalmente uma nova *divisão do trabalho*, fundamentada em um tipo particular de *reestruturação produtiva* de tipo *toyotismo-obnismo*. Assim, o novo processo produtivo de *cadeias globais de produção de valor*, passou a exigir a implementação e generalização de: i. *produção variada e heterogênea*, umbilicalmente articulada à demanda; ii. atendimento de necessidades de consumo imediatas e individualizadas; iii. constituição de *equipes polivalentes*, que passariam a assumir uma *multivariabilidade de funções*, de tal forma a romper com a *lógica parcelar do fordismo*, que condicionava o trabalhador ao *ritmo* e ao *tempo* de uma máquina específica; iv. *flexibilidade*, tanto da estrutura do *sistema produtivo*, quanto da *força de trabalho* empenhada; v. adoção do *just in time*: maximização da produtividade em um menor tempo possível; vi. adoção do sistema *kanban*: programa-se um conjunto de senhas de comando, como forma de reposição rápida de peças e, ao mesmo tempo, de redução do estoque a necessidades imediatas; vii. adoção de *estoques necessários e heterogêneos* a demandas individualizadas e imediatas; e, viii. de substituição do rígido *complexo de verticalização toyotista-fordista*, pela *horizontalização do complexo produtivo toyotista*, que passara a produzir o mínimo necessário em suas fábricas – *teoria do foco* –, de tal forma a terceirizar a maior parte da produção. Tratar-se-ia de uma *nova morfologia do trabalho*, a partir da qual se forjaram processos dinâmicos e complexos de *liofilização organizacional* dos processos produtivos e de serviços.

Deve-se observar que a chamada *Indústria 4.0* ou *Quarta Revolução Industrial*, é entendida como processo de objetivação da *nova fase da globalização*, de tal forma a fundamentar-se na difusão e generalização do *fetichismo da tecnologia*, portanto, da ciência e tecnologia como ideologia e dominação. No âmbito do debate da literatura acadêmica, discutem-se as próprias particularidades da Terceira Revolução Industrial, entendida como aplicação ou criação, por meio da microeletrônica de uma base tecnológica comum a uma constelação de produtos e serviços que agrupou um conjunto de indústrias, setores e segmentos na forma de um complexo eletrônico, densamente intra-articulado pela convergência intrínseca da tecnologia de informação (COUTINHO, 1992). No âmbito da manifestação fenomênica, o paradigma da *Indústria 4.0* é definido como capacidade de generalização da produção, a partir de *sistemas cyber-físicos*. Trata-se da descrição de um processo produtivo, advindo do âmbito da engenharia de produção. Portanto, não pode ser entendido como um conceito ou uma definição clara e distinta, na medida em que os chamados *sistemas cyber-físicos* caracterizam-se por ser processos avançados das transformações técnico-produtivas em curso, no último quartel do século XX. Assim sendo, o fenômeno social da chamada *Indústria 4.0* marca a retomada de uma concepção de política econômica, na e a partir da qual o planejamento, administração-organização e coordenação de políticas industriais, por parte de economias de *capitalismo avançado*, passam a ser central. Portanto, trata-se de um redesenho do ciclo de produção

e *reprodução ampliada do capital*, advindo do centro do capitalismo avançado, a partir de iniciativas nacionais deliberadas, envolvendo um tipo de relação umbilical entre grandes empresas e Estados nacionais.

Nesse sentido, não se trata de um fenômeno social espontâneo, mas de planejamento estratégico dos Estados nacionais, vinculados ao elo forte do capitalismo avançado. Tal processo pode ser observado na Alemanha (onde surge o termo, com o *Projeto Industrie 4.0*, como parte do *Plano High Tech 2020*), nos EUA (*Advanced Manufacturing Partnership*) e na China (*Made in China 2025* e *Belt and Road*). O mito da espontaneidade faz parte da difusão da *ciência e da tecnologia como ideologia e dominação*, e, portanto, da difusão do *fetichismo da tecnologia*, como princípio pedagógico formativo de uma subjetividade *reificada*. Por outro lado, no âmbito do capitalismo periférico, avança o fenômeno social da *desindustrialização*, como estratégia de ressubordinação. A crise sanitário-humanitária emerge como um gatilho detonador-acelerador de processos de transformações que se encontravam em curso.

A história do desenvolvimento do capitalismo demonstra que a concorrência não se manifesta, tampouco, estrutura-se de forma espontânea. Portanto, pode-se dizer que o caráter anárquico da economia capitalista é relativo. Aparentemente, a modelagem imediata da sociedade capitalista aponta para um tipo particular de organização e produção da vida social, a partir da concorrência espontânea e ininterrupta, entre indivíduos, grupos sociais, empresas, Estados nacionais, um *modo de vida*, a partir do qual a concorrência espontânea e permanente moveria o conjunto da sociedade, a partir da busca e realização das vontades individuais. No plano do conjunto das relações mediatizadas, tratar-se-ia de criar níveis de entendimento acerca da natureza, dinâmica e movimento da anatomia da *Bürgerliche Gesellschaft*, bem como sua relação com o Estado. Deve-se observar que o *modo de produção* e de *vida capitalista* consolidou-se, a partir da ação administrada-organizada, coordenada e operacionalizada dos Estados nacionais, inclusive na definição dos diversos tipos de mercados, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Nesse sentido, as crises do capital relacionam-se, umbilicalmente, tanto em sua dinâmica eruptiva, quanto de superação, à natureza, dinâmica e movimentação dos Estados nacionais, tanto no âmbito interno, quanto no âmbito das relações internacionais.

Deve-se observar que o *capitalismo de Estado* chinês fora forjado no último quartel do século XX. Nesse sentido, o *processo de globalização* e a constituição de *cadeias globais de valor* foram de fundamental importância para o salto quantitativo e qualitativo, bem como seu (re)posicionamento no conjunto das relações internacionais. Tais processos redesenharam a *divisão do trabalho*, tanto *intra* quanto *entre* os Estados nacionais. A crise do triênio 2007-9 forçou um processo de redesenho e nova modelagem dos processos de *globalização* e *cadeias globais de valor*. No caso chinês, o Estado nacional voltou-se a uma política estratégica, primeiramente, voltada ao *mercado interno*, avançando para a construção de infraestrutura; e, posteriormente, para a exportação de capacidade

produtiva. A estratégia em questão delineou e constituiu a modelagem do *Beltand Road Initiative*, a partir da qual pôde-se exportar capacidade produtiva, internacionalizar empresas, financeirizar a economia, forjar e garantir o domínio de mercados articulados, e, portanto, a efetivação de uma *hegemonia civil* inter-regional chinesa (Ásia-África-Europa). A modelagem de desenvolvimento chinês, implicava em tornar suas empresas nacionais em *cadeias globais de valor*, que passaram atuar em diversas áreas de ciência e tecnologia, como se pode observar a modelagem do *Made in China 2025*, estruturado como estratégia de desenvolvimento e competição internacional. Tais estratégias tornaram possível o avanço sólido, no campo da *economia digital*, com desdobramentos objetivos nas competições pelos mercados de *Internet 5G* e *Inteligência Artificial (AI)*.

PANDEMIA DE COVID-19: CONFLUÊNCIA DE CRISES.

Deve-se observar que o avanço da epidemia de COVID-19 desenvolveu-se a partir de uma progressão geométrica e, rapidamente, converteu-se em *pandemia*. O relativo conhecimento desse vírus indica que o que o diferencia de outros tipos de vírus é a velocidade de propagação e transmissibilidade, bem como sua capacidade de mutação e desenvolvimento de novas *cepas*. Todavia, tais características não são próprias do vírus, mas diz respeito ao *modo de vida*. Destarte, a transmissibilidade e baixa letalidade são expressões da manifestação fenomênica, pois se observam as variáveis de forma isolada. Se observadas, a partir de um conjunto de variáveis articuladas, direta e indiretamente, tais como, letalidade e transmissibilidade, aumentam ou diminuem de acordo com a capacidade de controle da propagação do vírus, variáveis que dependem das diferentes particularidades dos tipos de capitalismo, Estados e classes sociais.

A análise d'*esprit d'époque* demonstra que o cenário dos últimos anos de *guerra comercial* (TREVIZAN, 2019), entre China e EUA, com tensões de diferentes tipos, subterrâneas e explícitas, espalharam-se do epicentro para a periferia capitalista. Pode-se citar como exemplo a longa tensão político-econômica e sociocultural provocada pelos sentidos e significados do *Brexit* (BBC NEWS BRASIL, 2020a), no âmbito da União Europeia, e a recente tensão comercial entre Rússia e Arábia Saudita (BBC NEWS BRASIL, 2020b); ao mesmo tempo, deve-se observar que uma das variáveis indiretas é a exigência da transição energética. Todavia, as tendências indicam que o Acordo *de Paris* será incapaz de se efetivar, em médio e/ou longo prazo, dada a importância do petróleo nos processos e circuitos de *produção-circulação de mercadorias*, bem como a complexa teia social tecida pelo processo de *reprodução ampliada do capital*.

Pode-se dizer que a pandemia de coronavírus acabou por converter-se em um estopim detonador de uma nova fase da *crise estrutural do capital* (MÉSZÁROS, 2011), que no processo de aprofundamento da pandemia deslocou-se para múltiplos campos, dentre os quais se pode citar a guerra comercial pelo controle de equipamentos médicos de contenção e combate à pandemia, de maneira imediata, ao mesmo tempo

em que, em sua forma mediatizada, manteve em curso, subterraneamente, processos de controle e ampliação do controle de matérias primas e novos mercados. Portanto, quando os diferentes chefes de Estado/Governo utilizam a linguagem da guerra, para traçar e expor suas políticas sanitárias de combate a pandemia, não o fazem ao acaso e, também, não ao acaso, esquecem-se de mencionar a guerra comercial subterrânea de controle por equipamentos médicos, bem como de avaliação e articulação dos novos cenários comerciais, no período pós-pandemia. Assim, as políticas sanitárias *suprassumem* e internalizam a política externa *capital-imperialista*, de tal forma a camuflar a movimentação dos países centrais do capitalismo. Trata-se de uma *guerra de posição* (GRAMSCI, 2007) que coloca na ordem do dia o domínio e o controle sobre a periferia capitalista, bem como o redesenho da ordem mundial vigente.

A guerra comercial entre Rússia e Arábia Saudita apresenta um conjunto de elementos fundamentais, para que se possa entender o processo de aprofundamento de uma crise econômico-energética de grande magnitude – visto que o petróleo continua a ser a principal fonte energética do capitalismo mundial e sua estrutura de mercado não se altera a curto ou médio prazo. Não se trata de uma *commodity* como as demais, na medida em que o petróleo é uma variável de grande relevância no processo de composição de preços e, ao mesmo tempo, na dinâmica interna e articulada dos *processos e circuitos de produção-circulação* de todas as demais *mercadorias*. Assim, a vertiginosa queda do preço do barril de petróleo, em uma semana, passou despercebida e, ao mesmo tempo, acabou por apresentar os elementos da mais profunda crise econômico-energética da história do capitalismo mundial, visto que caiu de US\$ 80,47 (nov.2018) para US\$ 33,85 (mar.2020) (G1, 2020a) e US\$ 19,33 (abr.2020).

Ao analisar tal processo desfaz-se uma das teses presentes nas análises dos especialistas de mercado. No âmbito do mercado, trabalha-se com a tese de que a crise sanitária levou o capitalismo global à recessão. Ora, trata-se de manifestação fenomênica do processo, visto que a guerra comercial entre China e EUA, com suas ramificações *capital-imperialistas*, tanto no epicentro, quanto na periferia do capitalismo mundial, já apontava para uma nova fase da *crise estrutural do capitalismo*, que, tendencialmente, se aprofundaria nos próximos anos, em múltiplos campos, com o aumento e/ou diminuição das tensões, entre as duas principais forças do *capital-imperialismo*, bem como com as forças-satélites que orbitam em torno das duas grandes potências.

Logo, a pandemia do coronavírus caracteriza-se por ser a variável de detonação e aceleração do processo de crise e recessão global. Em meio a uma ordem político-econômica e sociocultural em crise e em processo de desagregação, tornara-se necessário projetar a ilusão de um período pós-pandemia humanista, marcado pelo surgimento de um novo mundo, devido a ação e coordenação política dos chefes de Estado/Governo. Tratara-se da farsesca repetição da história, na medida em que apresentara um suposto renascimento do *keynesianismo* e, portanto, um ilusório retorno ao *Estado de bem-estar*

social. Todavia, deve-se destacar que diferentemente do contexto histórico de 1929, a economia capitalista não tem espaços e possibilidades de expansão.

No processo histórico em questão pode-se observar o avanço e generalização de tipos particulares de *revoluções passivas* que impuseram a transição para a sociedade moderna de tipo capitalista, a partir da implementação de processos de industrialização-urbanização de países da América Latina, particularmente, Argentina, Brasil, Chile e México; bem como, da Ásia, particularmente, China e Índia. Portanto, tratara-se de uma economia internacionalizada, todavia, não globalizada, e, em processo acelerado de expansão. Como pano de fundo, a Revolução Russa de 1917 e o rápido desenvolvimento da URSS, de um lado, a ascensão do fascismo, na Itália, em 1922 e, posteriormente, do nazismo, na Alemanha de 1933, pressionavam o epicentro do capitalismo mundial a adotar uma política de bem-estar social, tanto para fazer o enfrentamento político-econômico, quanto sociocultural. Diferentemente, a crise atual encontra um cenário de impossibilidade expansiva do capitalismo, que impõe aos países da periferia capitalista a adoção de políticas econômicas de *desindustrialização*. Ao mesmo tempo, no campo das relações internacionais, observa-se o enfraquecimento progressivo e perda de espaços de movimentação e influência política, experimentado pelo sistema Organização das Nações Unidas e seus órgãos complementares, dentre os quais a Organização Mundial da Saúde. Essa defesa é necessária para manter o jornalismo corajoso e transparente de Carta Capital (2020) vivo e acessível a todos. Portanto, não há nenhum elemento concreto que permita a defesa da tese de que seria possível um retorno ao *Estado de bem-estar social*, que se sustentava e legitimava-se na ideologia de um *capitalismo regulado* e humanitário. Deve-se destacar que as crises possuem processos de continuidades descontinuas. Todavia, o que diferencia a crise atual das anteriores, encontra-se no fato de haver uma confluência de crises. A nova fase da *crise estrutural do capital* foi antecipada, de tal forma a ser *suprassumida* à crise sanitário-humanitária e deve, no pós-pandemia, estimular ressentimentos, de todo tipo e natureza, entre as *nações* (REVISTA FORUM, 2020), de tal forma a fazer refluir drasticamente a dinâmica do chamado *multilateralismo*, bem como a estimular a emergência de todo tipo de *nacionalismo* (HOBSBAWN, 2012), moderado e extremado, como forma de colocar na ordem do dia os conceitos ideológicos de soberania e segurança nacional.

A China foi o primeiro epicentro da pandemia de coronavírus, e, certamente, foi o país que apresentou respostas mais rápidas, adequadas e efetivas ao controle, tanto de transmissibilidade quanto de mortes. Outrossim, aparentemente, superou os aspectos e desdobramentos mais graves da crise sanitário-humanitária (GRANATO, 2020), e tende a retomada rápida de seu projeto geopolítico expansivo, de tal forma que o novo cenário internacional pós-pandemia apresenta, tendencialmente, fendas que devem favorecer a política externa chinesa. Deve-se destacar que a China, tornou-se uma potência político-econômica, sociocultural e militar regional, com potencial de avanço e construção de uma *hegemonia civil* mundial. Pode-se citar, como pano de fundo, o enfraquecimento

e potencial desagregação da União Europeia, como um desdobramento dos processos abertos com o *Brexit* e, possivelmente, aprofundado pelo processo pós-pandemia, bem como o enfraquecimento e potencial desarticulação da *hegemonia civil* estadunidense. A própria dinâmica da crise sanitário-humanitária, acabou posicionando a China como o único país capaz de atender a demanda mundial de equipamentos médicos, tal-qualmente que, de primeiro de março a cinco de abril, já havia exportado equipamentos médicos para cerca de 50 países, constando: i. 3,860 bilhões de máscaras; ii. 37,5 milhões de trajes protetores; iii. 16.000 respiradores; e, iv. 2, 84 milhões de kits de diagnósticos de covid-19 (AFP, 2020).

Aparentemente, trata-se de cooperação e solidariedade internacional, todavia, dentro da lógica, do circuito e dos processos de *produção-circulação* de *mercadorias*. Devido à capacidade de respostas, tanto as crises do capital quanto a pandemia, analistas vinculados a herança *desenvolvimentista* passaram a ver no modelo chinês um ideal a ser seguido e replicado. Portanto, as mistificações são de toda ordem e natureza, de tal forma a afetar tanto as *frações de classe dominante* quanto *frações de classe trabalhadora*. No caso da pandemia do *novo coronavírus* os pesquisadores chineses identificaram, fizeram o sequenciamento genético e compartilharam com a comunidade científica internacional. Tratou-se de ação e iniciativa de fundamental importância, na medida em que possibilitou a produção massiva de testes-diagnósticos de biologia molecular, para a detecção do novo coronavírus, ao mesmo tempo, desenvolveram protocolos importantes – tanto de controle da transmissibilidade do vírus, quanto de entrada e saída do isolamento social –, a partir dos quais se poderia estruturar uma política de controle da pandemia e redução de danos. Todavia, os níveis de incertezas, e, conseqüentemente, as decisões político-econômicas dependem, fundamentalmente, de variáveis, como: i. a epidemiologia do vírus; ii. a eficácia da política de isolamento social, adotada em diferentes contextos; e, iii. a capacidade e possibilidade de desenvolvimento de terapêuticas e vacinas. Mesmo que se desenvolvam terapêuticas e vacinas, em um curto prazo, caso o vírus se estabeleça como endêmico e renitente, seria necessário inocular cerca de 70% da população mundial – 5,6 bilhões de pessoas –, para começar a formar a chamada *imunidade de rebanho* e diminuir a propagação do vírus (THE WASNHIGTON POST, 2020); ao mesmo tempo, abrir-se-ia um cenário de corrida dos países centrais do capitalismo, pelo acesso e controle da vacina, como forma de garantir a competitividade de suas economias e posicionar-se, geopoliticamente, no pós-pandemia.

Com todas as críticas que se possa apontar acerca do tipo do modelo e da forma do Estado nacional chinês, bem como do tipo, modelo e da forma de seu desenvolvimento capitalista, torna-se importante destacar a demonstração de solidariedade coletiva apresentada, visto que ao mapearem e apresentarem conhecimento relativo do vírus, bem como produzirem protocolo de controle, os compartilhou com os demais países, dando-lhes tempo para se prepararem para o cenário de avanço de uma possível pandemia. Assim, a adoção do protocolo de controle da pandemia, fundamentado no

isolamento social e na efetivação de testes em massa, como forma de mapear o percurso do vírus e administrar os diferentes tipos de sistema de saúde, converteu-se no principal instrumento de *achatamento da curva*. Nesse sentido, tornaram-se as principais e mais efetivas medidas político-sanitárias, como forma de ganhar tempo e criar instrumentos mais adequados de entendimento e aferição do desenvolvimento do vírus, inclusive avaliando as possibilidades de recidivas. Assim, o protocolo de adoção/saída do isolamento social, dependeria do *achatamento da curva* e da tendência de declínio dos níveis de infectados, internações e óbitos.

No campo dos EUA, o cenário anterior à pandemia era de elevado poder e supremacia geopolítica, tanto da moeda e do mercado financeiro quanto militar. Pode-se dizer que a combinação de três variáveis importantes poderá beneficiar e proteger a economia estadunidense, no pós-pandemia: i. os novos reservatórios de produção de petróleo, nos e a partir dos quais se passou a utilizar a nova tecnologia de extração, localizados próximos as redes de gasodutos e oleodutos já existentes, com relativa capacidade ociosa. Assim, pode-se aumentar e/ou diminuir a produção, sem aumento substantivo de custos logísticos; ii. o mercado de perfuração em superfície possui uma cadeia produtiva e logística que lhes dão agilidade e flexibilidade, tanto no processo de contratação quanto de descontração; iii. o mercado financeiro é grande e enraizado, marcado por um cenário de baixíssimas taxas de juros, no pós-crise de 2007-9. No cenário pós-crise de 2007-9, as empresas pequenas e médias puderam se endividar, o que colaborou com a rápida saída da crise, seguido de crescimento da economia. Todavia, neste novo cenário, de grande endividamento das famílias e das empresas, os complexos de empresas pequenas e médias, tendem a ser estrangulados e gerar processos de quebra nas cadeias produtivas, mesmo com juros baixos. O que deve caminhar para um abrupto processo de aquisição de pequenas e médias empresas, no e a partir do qual as grandes corporações monopolistas do petróleo, nacionais e internacionais, tendem a se fortalecer, abrindo-se um novo ciclo de *concentração e centralização de capital*.

Ora, o poder político-econômico estruturado por tais variáveis permitiu que os estadunidenses saíssem da crise de 2007-9 fortalecidos, na medida em que, depois da China, foi o país que mais cresceu, na segunda década do século XXI, de tal forma a somar 121 meses de expansão, desde a recessão aberta no e pelo triênio 2007-9 (POZZI, 2019) e manter, aparentemente, baixos níveis de desemprego – expansão do mercado de trabalho informal (BATISTA, 2018). Os dez anos de crescimento consecutivos permitiram aos EUA aumentar tanto seu poder financeiro global, quanto o poder e a supremacia de sua moeda, frente aos demais Estados nacionais. Em ano eleitoral, no qual Donald Trump apostava em sua provável reeleição, mesmo em meio a recorrentes escândalos e abertura de processo de *impeachment* (G1, 2019), os desdobramentos da crise sanitário-humanitário e a recessão da economia estadunidense, ameaçam aquilo que se apresentava como certo (BBC NEWS BRASIL, 2020c). Todavia, caso se saia vitorioso, como apontava o cenário anterior à crise, a competição e os conflitos

internacionais tendem a se acirrar, devido sua política externa intervencionista de caráter *chauvinista* (STUENKEL, 2018), marcada pelo *antimultilateralismo* (CHACRA, 2019) e *antiglobalismo* (TEIXEIRA, 2018), somadas a uma política interna supremacista (MARS, 2017), *xenófoba* (EXAME, 2016) que chegou ao ápice, com campos de concentração para crianças imigrantes (PARKER, 2018), *antifeminista* (MARS, 2018) e *anti-LGBTQIA+* (VEJA, 2018), e alinhado, aberta e publicamente, ao *establishment* (G1, 2016).

Não há nenhuma variável sólida que indique que a pandemia do coronavírus demarcará e/ou estimulará inflexões estruturais imediatas, político-econômicas e/ou socioculturais, no âmbito das relações internacionais e no sistema mundial capitalista. Ao contrário, a tendência, a curto, médio e longo prazos, é a aceleração e aprofundamento das transformações que se encontravam em curso e, portanto, de aumento exponencial das desigualdades, dos conflitos e tensões entre os Estados nacionais, no âmbito das relações internacionais, visto que sairão de diferentes formas da crise sanitária-humanitária, apresentando-se sob a forma de uma profunda recessão global; e, de *luta de classes aberta*, no âmbito das relações internas, particularmente, nos Estados nacionais da periferia capitalista. Em uma sociedade capitalista, a competição não cessa, nem mesmo em um cenário de crise sanitário-humanitária. Antes o contrário, a competição se acirra, na medida em que os impactos atingem de diferentes formas as economias e a capacidade de competição dos Estados nacionais.

Toda crise do capital impõe um processo agudo de intensificação da competição internacional, que se objetiva pela ampliação do controle de duas variáveis fundamentais disponíveis no planeta: a) as matérias primas, fundamentais para o desenvolvimento capitalista, dentre as quais a principal matriz energética: o petróleo; e, b) expansão e controle de mercados. Remontando-se ao início do século XX, no qual se transitava de um capitalismo concorrencial para um capitalismo monopolista e o epicentro do capitalismo mundial abriu uma guerra intestina *intra* burguesa, tanto pelo controle de matérias primas quanto de novos mercados de capital, o debate entre Kautsky e Lenin emergira enquanto representação elucidativa, para entender as dimensões da crise de 2007-9, seus resquícios e desdobramentos, bem como a crise econômica mundial de 2020.

[...] as forças respectivas desses participantes na partilha variam de maneira desigual, pois não pode haver, sob regime capitalista, desenvolvimento uniforme das empresas, dos trustes, das indústrias, dos países. [...] Assim, as alianças ‘interimperialistas’ ou ‘ultra-imperialistas’, na realidade capitalista, e não na mesquinha fantasia pequeno burguesa de padres ingleses ou do ‘marxista’ alemão Kautsky, são inevitavelmente, quaisquer que sejam as formas dessas alianças, quer se trate de uma coalização imperialista armada contra uma outra, ou de uma união geral abarcando todas as potências imperialistas, apenas tréguas entre guerras. As alianças pacíficas preparam as guerras e, por seu turno, nascem da guerra. Elas se condicionam umas às outras, engendram alternativas de luta pacífica e de luta não pacífica sobre uma única e mesma base, a dos laços e das relações imperialistas

da economia mundial e da política mundial. Kautsky separa os dois anéis de uma única e mesma cadeia: ele separa união pacífica (e ultra-imperialista, até mesmo ultra-ultra-imperialista) atual de todas as potências para ‘pacificar’ a China do conflito não pacífico de amanhã, o qual preparará para depois de amanhã uma nova aliança universal ‘pacífica’ com vista à partilha, por exemplo, da Turquia. [...] (LENIN, 1975, p.178-9).

Em linhas gerais, o debate poderia ser resumido da seguinte maneira. Enquanto que, para o primeiro, a guerra era considerada um recurso indesejado, utilizável somente em última instância, na medida em que o *ultra-imperialismo* apontava para uma saída racional, na qual o acordo entre as potências emergia enquanto principal via de resolução de conflitos, naquilo que diz respeito à distribuição e redistribuição das áreas de influências, sem a necessidade de recorrer a força da espada, para o segundo, a guerra seria considerada um cálculo racional da ordem capitalista, devido à necessidade constante de exportar capitais para as áreas de influências, partilhadas e repartilhadas, contraditória e constantemente, pelo próprio movimento e dinâmica imposto pelo *capital monopolista*. Nesse sentido, a forma da repartição seria a guerra. Não ao acaso, no dia 26 de março, o chefe do Departamento de Justiça dos EUA, William Barr, declarou Nicolas Maduro, presidente eleito da Venezuela, narcotraficante e ofereceu 15 milhões de dólares, por informações que pudesse levar a sua prisão (GUIMÓN, 2020). Pode-se citar também a política externa estadunidense de intervenção, direta e indireta, no Oriente Médio, denominada, ideologicamente, de *Primavera Árabe* (SANZ, 2017), que perdura há quase uma década na região, como política de desestabilização de governos e *Golpes de Estado* de toda natureza. Nos anos 2000, as ideológicas *Revoluções Coloridas* do Leste Europeu apresentaram-se como prelúdio/oficina de um método/tipo particular de *guerra híbrida*, estimulada e difundida, sistematicamente, na segunda década do século XXI, pela política externa estadunidense (KORYBKO, 2018).

A crise mundial de 2007-9 intensificou a guerra comercial que se encontrava em estado latente, entre China e EUA, de tal forma que ambos passaram a movimentar-se, a partir de suas políticas externas, no sentido de consolidar e ampliar suas áreas de influência. Deve-se destacar que ao longo do período petista (2003-2016), principalmente nos Governos Lula (2003-2010), o Brasil buscou desenvolver uma política externa relativamente autônoma, representada na e pela política Sul-Sul, a partir da qual ampliou seu comércio com países da América Latina, Ásia e África, diminuindo a histórica dependência, associação e alinhamento político-econômico e sociocultural com os EUA, de tal forma a aprofundar sua posição estratégica na região e a ampliar sua capacidade de centro periférico *capital-imperialista* regional. A experiência de criação dos BRICS, talvez seja a representação mais avançada desse processo, na medida em que o Brasil se projetou enquanto um dos principais representantes desse alinhamento da periferia capitalista, em um contexto de uma ordem mundial, regida pela *hegemonia civil* liberal e apresentada ideologicamente como *multilateral*. A crise de 2007-9 abriu

fissuras profundas, na ordem mundial em questão. Não ao acaso, tanto a presidente da República deposta pelo Golpe de Estado *soft* (SILVA, 2017), Dilma Rousseff (G1, 2015), quanto a Petrobrás (BBC NEWS BRASIL, 2013), passaram a ser espionados, sistematicamente, pelo Governo Barack Hussein Obama.

No livro III do Capital, Marx (2013) apontou para uma de suas descobertas científicas mais vigorosas, naquilo que diz respeito ao entendimento e método de funcionamento da sociedade capitalista: a *queda tendencial da taxa de lucro*. De acordo com Marx (2013), o desenvolvimento do capital impõe a inexorabilidade da alteração da *composição orgânica do capital*. O desenvolvimento do capital exigiria do capitalista, níveis cada vez mais elevados de investimento em *capital constante*, ao mesmo tempo, diminuição progressiva de investimento em *capital variável*, como uma política de contra tendência básica. Ora, se o desenvolvimento do capitalismo aponta para inexorabilidade da *queda tendencial da taxa de lucro*, o capitalista, para continuar em sua condição de capitalista, é impelido a adotar políticas de contratendências, estruturada, dirigida e regulamentada pelo Estado capitalista. Em um contexto de crise do capital, o Estado manifesta-se em sua forma original: *Estado-força* (SILVA, 211), como única e exclusiva forma de garantir a transição de um ciclo de acumulação do capital a outro, na medida em que redesenha *pelo alto* tanto os mercados, quanto a própria composição das *classes sociais*. Nesse sentido, trata-se de reformar o arcabouço jurídico-político e a partir das instituições políticas impor uma nova (des)regulamentação, tanto do capital quanto do trabalho. As políticas de contratendências estão fundamentadas em ao menos cinco movimentos político-econômicos: I. Intensificar a exploração do trabalho, na medida em que o trabalho é a única e exclusiva substância do valor; II. Introduzir uma política econômica de redução dos salários; III. Criar mecanismos legais de aumento progressivo da superpopulação relativa; IV. Criar instrumentos político-econômicos de redução dos custos dos meios de produção (capital constante); e, V. Ampliar fontes de matéria-prima, bem como de mercados.

Ao contrário do que os ideólogos da globalização propagaram, ao longo dos últimos 50 anos, as *cadeias globais de produção/valor* constituíram-se em campos de força e de luta permanente, nos e a partir dos quais se estabeleceu de forma direta e indireta uma hierarquia produtiva científico-tecnológica, bem como, processos agudos de *centralização e concentração de capital*. Assim, articulou-se, em âmbito global, uma guerra comercial subterrânea permanente, como forma de (re)definição da *divisão do trabalho*, da qual a China foi a principal beneficiada. Tal processo exigiu, necessariamente, o monopólio, a restrição e a limitação, da produção, difusão e acesso à ciência e a tecnologia. Todavia, frente a *crise estrutural do capital*, aberta nos anos de 1970, e, portanto, a incapacidade de recomposição das altas taxas de lucro, colocar-se-ia um processo irreversível de desvalorização do capital e de *queda tendencial da taxa de lucro*. Frente à crise, como recompor a taxa de lucro, em um cenário de queda tendencial? A saída encontrada, para as recorrentes crises, tem sido a adoção e o aprofundamento do neoliberalismo-flexível

(SILVA, 2013), como forma e tentativa de recomposição das altas taxas de lucro, todavia, à custa da destruição dos direitos civis, políticos e sociais de contingentes populacionais cada vez mais amplos, o que levou/leva a desagregação e deslegitimação progressiva da própria concepção de *democracia liberal-representativa de massas* e explicitou/explicita o caráter *autocrático-plutocrático* do neoliberalismo. Nessa quadratura da história, a desagregação e deslegitimação da *democracia liberal-representativa de massas* têm levado à ascensão mundial da extrema direita protofascista, como se pode observar nos EUA, na Inglaterra, na Itália e no Brasil.

O cenário de *crise estrutural do capital* e sua incapacidade de recuperação das altas taxas de lucro têm levado ao recrudescimento do *nacionalismo*. A questão que deveria ser colocada: *que tipo de nacionalismo?* O *Brexit* foi um sinal da crise internacional e de tendência à dissolução do projeto de integração, estruturado em torno da União Europeia; e, deve ser uma tendência a ser seguida por outros países da região, no pós-pandemia, na medida em que o desemprego e a pauperização da *classe trabalhadora* se aprofunde, na periferia da União Europeia. A tragédia humanitária imposta pela pandemia à Espanha e à Itália, obrigadas a fazer ajustes draconianos e adotar um conjunto de políticas econômicas austeras de caráter neoliberal-flexível, nos últimos 30 anos, certamente, cobrarão seus custos.

AS RAÍZES DA CRISE ECONÔMICO-ENERGÉTICA MUNDIAL.

Como já fora apontado, o petróleo não é e não pode ser entendido como uma *commodity* qualquer, comparável às demais, visto que se caracteriza por ser a principal fonte energética do *modo de produção* capitalista. Portanto, trata-se de uma *mercadoria* estratégica, na medida em que determina os *processos* e o *circuito de produção-circulação* do conjunto das *mercadorias*, de tal forma a ser uma das principais variáveis na composição dos preços. Devido ao conjunto de variáveis que o caracteriza e o define, o petróleo acaba por dar vida a um conjunto de dinâmicas complexas, tais quais, aquelas presentes no âmbito dos processos de *produção-circulação*. Quando se pensa na dinâmica rentista-financista, estruturada no e pelo *capital fictício*, que caracteriza a fase atual do *capitalismo monopolista neoliberal-flexível*, a operação do mercado de petróleo adquire uma dinâmica peculiar, na medida em que se dá a partir de dois processos contraditórios que se retroalimentam, ou seja, pela relação entre *mercado de contrato futuro*, puramente especulativo, e *mercado físico*. Assim, passam a existir dois tipos de mercados contraditórios e complementares, a partir dos quais o barril de petróleo é transacionado, e os mercados não se equivalem, na medida em que se cria uma disfunção especulativa entre *mercado físico* e *futuro*. Forja-se um complexo sistema operativo-especulativo, em torno da produção futura, que passa a controlar a dinâmica dos mercados reais, bem como a composição dos preços das mais variadas *mercadorias*.

A dinâmica do mercado financeiro transaciona contratos para a entrega futura nos mais variados ramos e cadeias produtivas. Assim, os diversos operadores do mercado, investidores financeiros ou operadores do setor, compram contratos futuros, seja para manter a ciranda especulativa girando, seja para atender demandas reais. Nesse sentido, quando os contratos futuros são transacionados, necessariamente, precisam realizar-se, fisicamente, em algum momento. Tratara-se da questão colocada por Marx, na e a partir da qual argumentara que o problema fundamental da crise não se encontraria exatamente na superprodução, mas na realização da *mercadoria*. Ou seja, o produto físico precisa ser entregue, para fechar o *circuito produção-circulação*, caso não ocorra o fechamento do circuito de realização da *mercadoria*, o mercado financeiro dribla, momentaneamente, o processo de necessidade de realização da *mercadoria* e opera no sentido de renegociar o contrato, vendendo-o, novamente, como forma de neutralizar o contrato anterior e estabelecer um novo contrato futuro. Todavia, trata-se de um drible para trás, para usar a linguagem do futebol.

Foi exatamente o que aconteceu no dia 21 de abril no âmbito do setor energético, diversos contratos futuros deveriam realizar-se, portanto, os vendedores deveriam entregar fisicamente o produto. Nesse cenário, a ciranda especulativo-financeira de vendas de contratos futuros buscou encontrar novos compradores, dispostos a adquirir contratos substitutivos, como forma de movimentar especulativamente os mercados, independentemente da dinâmica do mercado real de barris físicos. Frente a dinâmica puramente especulativa do mercado financeiro, dois tipos de operadores de mercado poderiam entrar em cena: i. especuladores, em busca de ganhos com especulações advindas da lógica e dinâmica do mercado de curto prazo; e, ii. grandes corporações monopolistas, com grande reserva de capital e capacidade de armazenamento. Obviamente, que na dinâmica do *capital-imperialismo* os dois tipos de operadores se retroalimentam e se fundem, em um mesmo *processo de concentração e centralização do capital*. Observa-se a existência de um estrangulamento, na relação entre oferta e demanda, provocado pela relação conflituosa e contraditória, entre mercado de contratos futuros e mercado real, pois o volume de vendedores de contratos futuros, nesse cenário, caracteriza-se por ser maior do que aqueles dispostos a adquiri-los. Devido à dinâmica e movimento contraditório de *reprodução ampliada do capital*, no caso específico, da relação entre contratos futuros-especulativos e reais, é que o preço do barril de petróleo tornou-se negativo. Todavia, se observado nas bombas de gasolina do país, manteve-se o elevadíssimo preço, com tímidos recuos (RABELLO, 2020), devido à estrutura de corporações monopolistas. Nesse cenário, apresenta-se um conjunto de operações de risco que obriga os vendedores de contratos futuros-especulativos a pagar aos compradores, para adquiri-los, como forma de minimizar as perdas. Devido a tal cenário é que os preços se tornaram negativos, reduzindo os impactos nos preços comercializados. Trata-se de operação financeiro-especulativa ou de *capital fictício*. Isso quer dizer que os contratos futuros negociados, são puramente especulativos, pois fica em suspensão a dinâmica de entrega física dos barris, ou seja, a realização da *mercadoria*.

Acaba-se criando uma disfunção entre os mercados de contratos especulativo-financeiro e real, como forma de camuflar e administrar os efeitos de uma crise subterrânea de superprodução de petróleo (KIANEK, 2020).

A fase da *crise estrutural do capital*, ocorrida no triênio 2007-9, demarcou um processo de *debacle* do setor financeiro internacional, aparentemente causado pela chamada *bolha imobiliária* (HANDORF, 2011). De acordo com os ideólogos do capital, tratara-se de uma crise financeira (OREIRO, 2011) provocada pela explosão da *bolha* especulativa do mercado imobiliário estadunidense, de tal forma a produzir um processo de *evaporação do crédito* e, conseqüentemente, queda na produção industrial e do comércio internacional.

Deve-se destacar que, desde o início dos anos 2000, os EUA passaram a investir em novas tecnologias de extração de petróleo, de tal forma a buscar desenvolver uma política de autonomia energética e diminuição de dependência de países exportadores. Assim, o novo cenário energético do pós-crise de 2008 (COSTAS, 2012) permitiu que a descoberta de reservas de gás de xisto fossem exploradas na Pensilvânia, Louisiana e no Texas, de tal forma a passarem a representar 30% do consumo de gás; ao mesmo tempo, o petróleo de xisto encontrado entre as rochas ou produzido pelo aquecimento do xisto, passou a ser produzido em Dakota do Norte e Texas. Duas tecnologias foram de fundamental importância e assumiram posição estratégica, para a viabilização da exploração do gás de xisto: i. técnica de perfuração horizontal, que permite o aproveitamento de reservas espalhadas por grandes áreas geográficas, mas pouco profundas; e, ii. fraturamento hidráulico de rocha (*fracking*), que consiste no bombeamento de uma mistura de água, areia e produtos químicos, para dentro dos poços de exploração. O impacto produzido por esse jorro de alta pressão produz pequenas fissuras nas rochas, liberando o gás que é canalizado para os dutos. Com a inserção desta nova tecnologia, os EUA, passaram a produzir, em 2018, 10 milhões de barris de petróleo bruto, por dia, reposicionando-se, política e economicamente, no mercado energético, visto que conseguiu diminuir drasticamente sua dependência energética e superar a produção de Arábia Saudita e Rússia e, portanto, alterar profundamente a correlação de forças, no âmbito das relações internacionais. Em grande medida, a política externa de Trump, marcada pelo *antimultilateralismo* e *antiglobalismo*, explica-se devido à posição que os EUA passaram a ocupar no mercado energético internacional. Uma clara demonstração de força advinda dessa nova posição foi a adoção da política de transferência da embaixada (EXAME, 2018) para Jerusalém, marcada para o mesmo dia em que se comemorava a fundação dos 70 anos do Estado Sionista de Israel, uma trincheira avançada da política externa estadunidense, na região, bem como o cerco que se fechou em torno da Venezuela, estruturada em uma escalada intervencionista, marcada por um conjunto de medidas que preparam uma provável e previsível invasão: i. bloqueio naval; iii. instalação de bases militares na fronteira com a Colômbia; iv. sanções comerciais de toda ordem; v. estrangulamento financeiro; e, vi. suposta política de combate as drogas.Frente ao

novo cenário, os países produtores de petróleo, particularmente, México, Venezuela, Canadá e Arábia Saudita, tiveram que buscar alternativas de mercados, de tal forma a deslocar, os fluxos de petróleo mundial, dos EUA para a China. Nesse cenário, de relativa independência dos EUA no campo energético internacional, frente aos países produtores de petróleo e deslocamento da produção mundial para a China, com a desaceleração da economia chinesa, houve uma contração do mercado internacional, particularmente, no setor energético. O avanço dos EUA, no campo energético, tornou-se claro ainda em 2014, tal-qualmente que a Arábia Saudita percebera que, ao manter o preço do petróleo alto, acabaria por beneficiar o avanço dos EUA no campo energético mundial, conseqüentemente, prejudicando a economia e a posição estratégica internacional ocupada pelos sauditas. Como a produção estadunidense apresentava custos de produção mais elevados, o preço alto do petróleo, no mercado internacional, acabava por beneficiá-los. Assim, a Arábia Saudita adotou uma política energética de guerra comercial velada, de tal forma a aumentar a produção de petróleo, quando os preços estavam caindo. Ao inundar o mercado de *Brent*, os sauditas adotaram a estratégia de tentativa de sufocamento dos produtores do *Fracking*. A estratégia era derrubar os preços de tal modo que empresas instaladas nos EUA se tornassem inviáveis e perdessem capacidade de competitividade, de tal forma a abandonarem a exploração dos campos de petróleo e gás de xisto. Enquanto em junho de 2014 o preço do barril de petróleo *Bren*, era negociado a US\$ 115, em 2015, caiu para US\$ 37 (ALVARENGA, 2016). Nesse cenário, a OPEP perdeu a capacidade de controle dos *processos* e do *circuito de produção-circulação*, bem como dos preços do petróleo, devido ao aumento progressivo de produção, tanto nos EUA, quanto no Brasil e Canadá. Objetivamente, isso significa que, mesmo em meio a queda vertiginosa dos preços do barril de petróleo, acompanhado de queda de investimentos; no Brasil, Canadá e EUA, observara-se movimento inverso, na medida em que continuaram aumentando suas produções, e, conseqüentemente, enfraquecendo as posições adotadas no âmbito da OPEP. Assim, a guerra comercial entre Arábia Saudita e Rússia faz parte de um processo de correlação de forças e reposicionamento geopolítico, desenhado nos últimos anos no âmbito do mercado energético mundial. Quando a pandemia entra em cena, o cenário de crise energética já escalava patamares altíssimos. Assim, a pandemia tornou-se o estopim de detonação da crise e, ao mesmo tempo de camuflagem, visto que inseriu no cenário uma quebra brutal da demanda.

O Brasil vem ampliando sua produção e exportação de petróleo bruto, desde a descoberta do pré-sal, em 2007, principalmente, a partir dos campos de Búzios e da Bacia de Santos, o que, tendencialmente, deve torná-lo competitivo e posicioná-lo como um dos grandes exportadores, até o final da década de 2020. Todavia, com o Golpe de Estado *soft* de 2016 (SILVA, 2017), houve uma mudança na estratégia da Petrobras, visto que seus objetivos passaram a ser: 1. Garantir retornos de curto prazo aos acionistas; 2. Viabilizar a redução de sua alavancagem financeira, ao mesmo tempo, optou-se por um processo de desinvestimento, saindo das áreas de refino, logística, petroquímica,

biocombustível, fertilizantes e gás natural. Trata-se de uma estratégia contrária a que as grandes corporações mundiais do petróleo adotaram, na última década, visto que 90% são estatais (ROSA, 2019). A agenda do Golpe de Estado *soft*, estruturada a partir da *Operação Lava a Jato* (SILVA, 2017) quebrou toda cadeia produtiva organizada em torno da Petrobras como forma de bloqueá-la, tanto no mercado internacional, quanto para impedir que fosse utilizada para a adoção de políticas estratégicas de desenvolvimento nacional. Assim, a aprovação do Marco Regulatório do Pré-Sal, pelo Governo Lula, gerou incerteza no mercado energético internacional, visto que colidia, frontalmente, tanto com os interesses da *grande burguesia compradora* (POULANTZAS, 1971) e sua imediata representação política (MDB-DEM-PSDB), quanto com os interesses do *capital-imperialismo* (FILHO, 2017). Contrariando tais interesses, a aprovação pelo Parlamento e sanção da Presidência da República do Marco Regulatória, previa a criação de uma empresa estatal, denominada *Pré-Sal S.A.*, como forma de defender os interesses do governo nos consórcios que operariam sob o sistema de partilha; permitia a capitalização da empresa, de tal forma que a operação financeira faria com que o governo aumentasse sua participação e tivesse o controle acionário; e, criaria o Fundo Social. A agenda do Golpe de Estado *soft/2016*, no campo energético, ficou a cargo dos psdbistas, José Serra, que se apressou em aprovar um Novo Marco Regulatório do Pré-Sal (MARTIN, 2016), como havia prometido e negociado com as grandes corporações internacionais petrolíferas, como ficara comprovado pelos documentos vazados pelo *WikiLeaks*; e por Aloysio Nunes Ferreira Filho, que o substituíra no comando do Ministério das Relações Exteriores, e dera continuidade a agenda do Golpe, conduzida pelo Governo Provisório de Exceção de Michel Temer (2016-2018). No campo da política externa, adotaram uma política de submissão e alinhamento automático aos EUA, promovendo seus interesses na região, tais como: i. a participação do exército estadunidense em exercício militar inédito na Amazônia, a convite do Brasil); ii. participação ativa no bloqueio político-econômico e militar, contra a Venezuela (ESTADO DE S. PAULO, 2018); iii. suspensão da Venezuela do Mercosul e da OEA (HERMIDA, 2017).

A “VITALIDADE” DO VÍRUS NEOLIBERAL NO PÓS-PANDEMIA.

Não se pode analisar o fenômeno social em curso sem que se entenda que se trata de uma confluência de crises. Por um lado, o ciclo de desenvolvimento do *capital-imperialismo* apresentava-se em crise e, portanto, nos últimos anos apontava para uma nova fase da *crise estrutural do capital*, por outro lado, a eclosão da pandemia do novo coronavírus, acelerou os processos político-econômicos e socioculturais, em curso, visto que a crise sanitário-humanitária tende a se desdobrar em uma recessão global, devido à quebra das grandes cadeias globais de *produção-circulação* de *mercadorias*, de tal forma a apresentar efeitos imediatos sobre o circuito financeiro mundial.

No Relatório de 14 de abril, o Fundo Monetário Internacional definiu os resultados imediatos da pandemia, como *the great lockdown* (INTERNATIONAL

MONETARY FUND, 2020). Todavia, não há uma relação de causalidade entre uma e outra, mas uma relação de confluência, contradição e de totalidade, portanto, de *suprassunção*. Deste modo, ao contrário do que afirma a *apologética burguesa*, apresentada como *analistas de mercado*, não foi a pandemia do novo coronavírus que levou à crise e, tendencialmente, à recessão global, tal processo apontava seus primeiros elementos, com a escalada de tensão promovida pela guerra comercial entre China e EUA, sendo a pandemia do novo coronavírus o estopim do processo de detonação e agudização da crise do capital. Ao longo da história do capitalismo, a *apologética burguesa* aprendeu que em um cenário de crise do capital, em um primeiro momento, torna-se necessário que o Estado centralize e concentre os processos de organização, administração, coordenação e operacionalização da política econômica, de tal forma a assumir uma política econômica heterodoxa (KEYNES, 2012), estruturada em aumentos substantivos dos gastos públicos e de multiplicação do dinheiro disponível, via emissão de moeda (*remonetização da economia*), fundamentalmente, como medida de proteção dos setores produtivos e financeiros. Todavia, a política em questão emerge como uma tática de estabilização político-econômica e sociocultural, necessária e transitória, por um lado, para evitar a bancarrota de complexos produtivo-financeiros e suas cadeias produtivas, por outro, como forma de evitar convulsões sociais, organizadas e desorganizadas, que possam abrir processos agudos de transformações sociais. Estabilizado o processo e travado as vias potenciais de transformações, a política econômica neoliberal-flexível deve se impor de forma drástica, como forma de socialização dos custos da crise, principalmente, na periferia capitalista, na medida em que deve ver sua dívida pública aumentar drasticamente. Todavia, o centro do *capital-imperialismo*, tendencialmente, colocará em discussão a concepção, a forma e o tipo de globalização de suas *cadeias produtivas de valor*, inclusive, repatriando aquelas consideradas estratégicas para as economias nacionais, dada as dificuldades enfrentadas para conduzir processos de *reconversão de indústrias e setores produtivos*, em cenários de necessidade de implementação de *economia de guerra*, tal qual fora apresentado pela pandemia. Por um lado, os países centrais do *capital-imperialismo*, tendencialmente, procurarão aumentar o nível de liberdade, no âmbito da *produção-circulação de mercadorias*, frente a hegemonia do sistema financeiro e monetário estadunidense, como demonstra a iniciativa chinesa de criação de uma moeda soberana digital (NASSIF, 2020). Por outro lado, a periferia capitalista tende a adotar, devido à imposição dos países centrais e confluência de interesses com a *grande burguesia compradora*, como é o caso do Brasil, a política de socialização dos custos da pandemia, de tal forma a seguir a agenda plutocrática das oligarquias, interna e externa, de aprofundamento das políticas de austeridade fiscal neoliberal-flexível, radicalizando os níveis, tipos e formas de privatização e desregulamentação, tanto do capital quanto do trabalho, em todos os níveis da vida social, de tal forma a buscar legitimidade em um suposto equilíbrio fiscal, instituído pelos excessivos gastos públicos. Nesse sentido, tende-se a se aprofundar os cenários de *luta de classes aberta* e de explosões sucessivas de convulsões sociais de toda natureza, organizada e desorganizada, de tal forma a

aprofundar o processo de crise, desagregação e deslegitimação das chamadas *democracias liberal-representativas de massas*, fundamentadas em eleições periódicas e alternância de poder. Os casos: i. ucraniano (BONET, 2014), com, posterior, anexação da Criméia, por parte da Rússia; ii. Paraguaio (MARTINS, 2012); iii. Boliviano (EL PAIS BRASIL, 2019); iv. Equatoriano (BORGES, 2015); e, v. brasileiro; são exemplos ilustrativos e emblemáticos, de tal processo, que deve se agravar e se generalizar.

Um dos agravantes impostos pela confluência e fusão de crises é o imensurável nível de incerteza, visto que pouco se sabe sobre a dinâmica e desenvolvimento do vírus, de tal forma a ser impossível calcular, objetivamente, os impactos nas economias nacionais. A única certeza que se tem é que a crise sanitário-humanitária agravará a crise econômica, que deve se converter em uma recessão global, sem precedentes, seguida de processos agudos de elevação das taxas de desemprego, aumento do trabalho informal – via aprofundamento dos processos de automação – e pauperização da *classe trabalhadora* e demais *classes subalternas*. Todavia, não se sabe, nem se pode dimensionar, o tempo e o impacto da crise, pois incidirão nas economias nacionais de acordo com suas particularidades e instrumentos político-econômicos disponíveis, tanto para superar os impactos da crise sanitário-humanitária, quanto político-econômicos.

Se a pandemia e a recessão global se prolongarem, deve-se abrir um processo de crise financeira global, por isso os sistemas financeiros, articulados aos governos dos diferentes países do *capital-imperialismo*, adoraram um conjunto de medidas político-econômicas para conter a crise, injetando trilhões de dólares nas economias nacionais, como o caso dos EUA, Alemanha (REUTERS, 2020a), França (REUTERS, 2020b) e Reino Unido (EXAME, 2020c). Os EUA, a partir do FED, buscaram assegurar liquidez em dólares para os Bancos Centrais das principais economias capitalistas dependentes do seu sistema financeiro, como forma de evitar uma crise financeira global. No caso brasileiro, a confluência de crises sanitário-humanitária e político-econômica agrava-se devido à crise social instalada pelo Golpe de Estado *soft* de 2016 e sua escalada em fases, que acabou levando à vitória de um tipo particular de *homem-massa digital*, nas eleições presidenciais atípicas de 2018, parcialmente interdidas, como forma de legitimação do Golpe de Estado *soft* (SILVA, 2017).

As *frações de classe dominante* brasileiras avaliaram poder administrar as fases do golpe e encontram-se em processo de luta *intraburguesa*, frente à movimentação política de Jair Messias Bolsonaro, recorrentemente, ameaçando desferir um *autogolpe*. Mesmo com a política econômica adotada pelos EUA e FMI, orientando os Bancos Centrais a adotarem medidas para evitar uma crise financeira, o Governo de Exceção de Bolsonaro, pressionado pelo Parlamento, anunciou o pacote econômico (ANDRADE, 2020), instituindo: i. auxílio emergencial de R\$600,00, de difícil acesso à população; ii. suspensão de contratos de trabalho, por até quatro meses; iii. redução de jornada de trabalho e de salários; iv. congelamento de salário de servidores públicos; v. linha de crédito para empresas, estimulando seu endividamento e transferência de recursos

para Estados e Municípios, com a imposição de uma série de condicionantes. Trata-se de um pacote insuficiente para enfrentar a crise, pois tende a aprofundar o nível de endividamento das pequenas e médias empresas e, ao mesmo tempo, deve levar à pauperização da *classe trabalhadora* e demais *classes subalternas*, seja pelo elevado nível da taxa de desempregados (BRITO, 2020) e aumento progressivo de trabalhadores no mercado informal, seja pelo pacote econômico aprovado, que a rigor estimula tanto o aumento das taxas de desemprego, quanto o mercado de trabalho informal no país.

Deve-se destacar que em uma economia vulnerável e dependente como a brasileira, no pós-crise, a dívida pública tende a aumentar, por um lado, devido a lógica especulativa financista-rentista; por outro, devido a queda do PIB, que levará ao aprofundamento da *crise fiscal do Estado*, devido a queda de arrecadação; e, conseqüentemente, a um acirrado *conflito distributivo*, tendencialmente, voltado a socializar os custos da crise e a garantir, via controle do orçamento do Estado, níveis elevados de taxas de lucro as grandes corporações monopolistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

No início de abril, registrava-se que a pandemia do *novo coronavírus* já havia atingido 190 países, com mais de um milhão de pessoas diagnosticadas com a Covid-19, com o balanço de 65.272 mortes. Não se pode entender e analisar a pandemia do *novo coronavírus*, a partir de uma aferição pura e estritamente biológica, visto que a ampliação e/ou diminuição da progressão geométrica de transmissibilidade, infecção e mortes, dependem, fundamentalmente, da forma com que o *ser social* (re)produz a si mesmo, bem como administra e organiza a vida social. Ou seja, depende dos hábitos e costumes que determinadas sociedades produzem, ao longo de sua formação social e do *complexo de complexos* representado pelos diferentes tipos de processos históricos. Trata-se de entender o sistema sociometabólico do capitalismo contemporâneo como um *modo de vida*.

O entendimento da forma de ser da sociedade capitalista contemporânea, fundamentada no circuito complexo, acelerado e dinâmico, de *produção-circulação de mercadorias*, torna-se de fundamental importância para a definição de quaisquer tipos de estratégias de diagnóstico e/ou prognóstico, acerca do avanço e, portanto, controle da pandemia, nos diferentes tipos de Estados nacionais. Trata-se de uma pandemia que guarda especificidades, visto que se movimenta e desenvolve-se, a partir da lógica da globalização, de tal forma a difundir-se a partir da dinâmica dos grandes centros urbano-industriais, caracterizados por grandes níveis de densidade demográfica, a partir dos quais se articulam, interna e externamente, grandes complexos de malhas rodoviárias, ferroviárias, aéreas e marítimas, ou seja, corredores de realização do circuito de *produção-circulação de mercadorias* e, conseqüentemente, de rápida transmissibilidade do vírus. Assim, uma das estratégias dos Estados nacionais encontra-se exatamente em fechar

as fronteiras, instituir o isolamento social e monitorar os diferentes tipos de malhas de transporte e comunicação, como forma de mapear a dinâmica e movimentação do vírus.

Pode-se dizer que a crise econômica mundial é, ao mesmo tempo, endógena e exógena, pois ao mesmo tempo em que possui um conjunto de variáveis de *crise estrutural do capital*, próprias das chamadas leis econômicas, acelera-se e aprofunda-se devido pandemia, na medida em que se estima que 4,5 bilhões de pessoas estejam em isolamento social (UOL, 2020b). Historicamente, as grandes epidemias exigiram, assim como nas grandes guerras, que os Estados nacionais assumissem o comando tático e estratégico do combate ao suposto *outro interno* e/ou *externo* a ser debelado, pois necessitava de complexa articulação sistêmica, político-econômica e sociocultural, entre todos os ministérios, setores da economia e *sociedade civil do mundo do capital*, de tal forma a exigir a *política de reconversão econômica* de setores e/ou parques industriais, avançando-se, inclusive, para a estatização de um conjunto de setores econômicos estratégicos. Assim, a *economia de guerra* exige a adoção centralizada e sistêmica dos mais diversos tipos de planejamento, administração, organização, coordenação e operacionalização, como forma de definir o sistema tático de ação, desejado e necessário, para a efetivação da estratégia. Diferentemente das guerras, as pandemias não destroem os centros urbanos-industriais, tampouco, a infraestrutura dos setores produtivos, seja no campo ou na cidade. Todavia, por outro lado, atacam diretamente a *mercadoria* especial do modo de produção capitalista: a mão de obra (*capital variável*), advinda das *classes trabalhadoras*, visto que atinge de maneira desigual as *classes sociais*, levando ao desemprego, pauperização, empobrecimento social, miséria, e, no limite, a morte de milhares/milhões de trabalhadores. Assim como nas guerras, o discurso ideológico da *nação* e do *nacionalismo* adquire vitalidade e vigor, na medida em que forjam uma suposta identidade e solidariedade nacional, que do ponto de vista ideológico se colocaria acima e eliminaria a *luta de classes*. Obviamente que nas guerras tais discursos encontram campo benfazejo e adequado para difusão ideológica, e, portanto, para a construção do convencimento e ampliação da adesão social, na medida em que se tem um *outro interno* e/ou *externo*, claro e nítido, a ser combatido e debelado, sob pena de ameaça a soberania e a segurança nacional. Diferentemente, as pandemias não apresentam de forma explícita o *outro, interno* e/ou *externo*, a ser combatido e debelado, de tal forma a mobilizar e justificar o grande esforço nacional. Antes o contrário, as pandemias tendem a atingir os Estados nacionais de diferentes formas e, ao mesmo tempo, atingir as *classes sociais* de formas variadas, apresentando maior incidência de expansão, transmissibilidade e mortes nas *classes trabalhadoras* e demais *classes subalternas*, dada as vulnerabilidades econômicas e sociais, devido às condições precárias de trabalho, transporte, moradia, alimentação e saúde. Deve-se observar que devido à sua rápida dinâmica de transmissibilidade, o epicentro da pandemia se desterritorializa e se desloca, rápida e globalmente e, na medida em que se desterritorializa, passa por diferentes processos de mutação, incidindo de forma distinta sobre as diferentes faixas etárias, tipos de sistemas imunológicos e vulnerabilidades dos sistemas de saúde – com precário ou nenhum tipo de atendimento

primário, poucos leitos, número reduzido de respiradores e equipamentos de proteção. Seu primeiro epicentro foi a China, deslocou-se para a Europa e posteriormente, para os Estados Unidos e, segundo pesquisas recentes, o próximo epicentro poderá ser o Brasil.

Acontece, porém, com a história o que hoje em dia também acontece com os homens, e entre eles, não em último lugar, com os narradores de histórias: ela é muito mais velha que seus anos; sua vetustez não pode ser medida por dias, nem o tempo em que sobre ela pesa por revoluções em torno do sol. (MANN, 2016, p.11).

SILVA, M. L. Capital virus and merchandise molesties. *ORG & DEMO* (Marília), v. 21, n. 2, p. 27-56, Jul./Dez., 2020.

Abstract: The common sense characterized by the immediacy and inability to analyze the political-economic and socio-cultural variables in their entirety, works and disseminates the thesis that the coronavirus pandemic (Sars-cov-2, the new coronavirus / COVID-19) will be succeeded by a new world, partised by a traumatic process, and, therefore, characterized and defined by humanitarian changes that must be imposed on the new cycle of accumulation and development of capitalism. Such a thesis is supported by the statement that the economic crisis that should deepen in the coming months in an immeasurable global recession, is characterized by being a crisis exogenous to capitalism, and, therefore, it would not come from the internal contradictions of the production processes and expanded reproduction of capital. The objective of this Essay is to dialogue with the theses in question and establish some structural and conjunctural mediations, as a way of constituting some level of understanding about the crisis and its particularities, from the reestablishment and reconstruction of the historical socio-metabolic process that forged it.

Keywords: capital-imperialism, COVID-19 pandemic, structural crisis

Resúmen: El trabajo en cuestión parte de la tesis de que la crisis sanitaria-humanitaria impuesta por la pandemia (Sars-cov-2, el nuevo coronavirus / COVID-19) surgió como detonante de una nueva fase de la crisis estructural del capital, caracterizada debido a la confluencia de varias crisis inherentes a las leyes económicas. En este sentido, aceleró procesos transformacionales que ya se encontraban en marcha, de manera que se explicitara la disputa por mercados futuros, principalmente en el ámbito de la economía digital, sin embargo, presente en una multiplicidad de mercados tradicionales, como el energético, ya que los mercados están estructurados en relaciones interdependientes. Así, la crisis ha abierto un nuevo ciclo de acumulación de capital que tenderá al rediseño de las relaciones internacionales, así como a la relación entre el capital-imperialismo y la periferia.

Palabras clave: capital-imperialismo, pandemia COVID-19, crisis estructural.

REFERÊNCIAS

AFP. China exportou quase 4 bilhões de máscaras desde março. **Exame**. São Paulo, 05 abr. 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/china-exportou-quase-4-bilhoes-de-mascaras-desde-marco/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

ALVARENGA, D.; TREVIZAN, K. **Porque o preço do petróleo caiu tanto? Veja perguntas e respostas.** **G1 Economia.** São Paulo, 07 jan. 2016. Publicado em: <http://g1.globo.com/economia/mercados/noticia/2016/01/por-que-o-preco-do-petroleo-caiu-tanto-veja-perguntas-e-respostas.html>. Acesso em: 02 mai. 2020.

ANDRADE, H. Governo detalha pacote de R\$ 200 bilhões, para manter empregos e ajudar estados. **Uol Economia.** São Paulo, 01 abr. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/01/governo-anuncia-pacote-de-r-200-bi-para-manutencao-da-saude-e-empregos.htm>. Acesso em: 03 mai. 2020.

BATISTA, H. G. Desemprego baixo nos EUA esconde aumento do número de trabalhadores que vivem em condições precárias. *Época.* Porto Alegre, 11 jun. 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2018/06/desemprego-baixo-nos-eua-esconde-aumento-do-numero-de-trabalhadores-que-vivem-em-condicoes-precarias.html>. Acesso em: 13 mai. 2020.

BBC NEWS BRASIL. **EUA espionam Petrobrás, dizem papéis vazados por Snowden.** São Paulo, 08 set. 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130908_eua_snowden_petrobras_dilma_mmAcesso em: 30 abr. 2020

BBC NEWS BRASIL. **Exército dos EUA participará de exercício militar inédito na Amazônia, a convite do Brasil.** São Paulo, 04 mai. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39802863>. Acesso em: 02 mai. 2020.

BBC NEWS BRASIL. **Entenda o Brexit e seus impactos em 8 perguntas.** São Paulo, 30 jan. 2020a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46335938>Acesso em 21 abr. 2020.

BBC NEWS BRASIL. **A guerra de preços entre Rússia e Arábia Saudita que derrubou o preço do petróleo.** São Paulo, 09 mar. 2020b. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51799906>Acesso em 12 abr. 2020.

BBC NEWS BRASIL. **Em 3 pontos, porque será tarefa árdua, para os democratas derrotar Trump nas eleições deste ano?** São Paulo, 05 jan. 2020c. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50961426>Acesso em 30 abr. 2020.

BONET, P. O presidente da Ucrânia abandona Kiev e denuncia um golpe de Estado. **El País Brasil.** São Paulo, 22 fev. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/22/actualidad/1393048090_269901.html. Acesso em; 06 mai. 2020.

BORGES, A. Equador enfrenta golpe de Estado suave. **Carta Maior.** São Paulo, 08 set. 2015. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/Pelo-Mundo/Equador-enfrenta-golpe-de-Estado-suave-/6/33938>. Acesso em: 06 mai. 2020.

BRITO, C.; NAIME, L.. Desemprego fica em 11% em dezembro, mas ainda atinge 11,6 milhões, diz IBGE. **G1.** São Paulo, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/01/31/desemprego-fica-em-11percent-em-dezembro-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 10 mai. 2020.

CARTA CAPITAL. **O que significa a suspensão das contribuições dos EUA à OMS?** São Paulo, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/o-que-significa-a-suspensao-das-contribicoes-dos-eua-a-oms/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

CHACRA, G. Na ONU, Bolsonaro vira líder do movimento contra o multilateralismo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 set. 2019. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/guga-chacra/post/na-onu-bolsonaro-vira-lider-de-movimento-contra-o-multilateralismo.html>. Acesso em: 30 abr. 2020.

COSTAS, R. Novo petróleo promete mudar mapa geopolítico da energia. **BBC News Brasil**. São Paulo, 02 mai. 2012. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120501_petroleo_geopolitica_rc. Acesso em: 01 mai. 2020.

COUTINHO, L. A Terceira Revolução Industrial e Tecnológica : as grandes tendências de mudanças. **Economia e Sociedade**. Campinas, v. 1, n.1, p.69-87, 1992.

EL PAIS BRASIL. O que aconteceu com Evo Morales na Bolívia é um golpe de Estado? São Paulo, 12 nov. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/11/internacional/1573500916_562089.html. Acesso em: 06 mai. 2020.

EXAME. A xenofobia de Trump; Áreação de Ryan... São Paulo, 14 jun. 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/a-xenofobia-de-trump-a-reacao-de-ryan/>. Acesso em: 30 abr. 2020

EXAME. **EUA mudam embaixada em Israel e tensão se consolida no Oriente Médio**. São Paulo, 14 mai. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/eua-mudam-embaixada-e-tensao-se-consolida-no-orientes-medio/>. Acesso em: 06 mai. 2020.

EXAME. **Reino Unido anuncia pacote de 330 bilhões de libras em empréstimos**. São Paulo, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/reino-unido-anuncia-pacote-de-330-bilhoes-de-libras-em-emprestimos/>. Acesso em: 03 mai. 2020.c

ESTADO DE S. PAULO. **Cresce pressão sobre Temer para bloquear fronteira entre Brasil e Venezuela**. São Paulo, 20 ago. 2018. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,cresce-pressao-sobre-temer-para-bloquear-fronteira-entre-brasil-venezuela,70002466094>. Acesso em: 02 mai. 2020.

FILHO, J. Isenção trilionária é a cereja do bolo da entrega do pré-sal. **The Intercep Brasil**. São Paulo, 03 dez. 2017. Disponível em: <https://theintercept.com/2017/12/03/isencao-trilionaria-e-a-cereja-do-bolo-da-entrega-do-pre-sal/>. Acesso em: 02 mai. 2020.

G1. **EUA grampearam Dilma, ex-ministros e avião presidencial, diz WikiLeaks**. São Paulo, 04 jul. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/lista-revela-29-integrantes-do-governo-dilma-espionados-pelos-eua.html>. Acesso em: 30 abr. 2020.

G1. **Os 7 mitos da política que Trump derrubou para chegar à Casa Branca**. São Paulo, 13 nov. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/os-7-mitos-da-politica-que-trump-derrubou-para-chegar-casa-branca.html>. Acesso em: 30 abr. 2020.

G1. **Entenda o processo de impeachment de Trump, quem testemunhou e o que pode acontecer nas próximas semanas**. São Paulo, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/21/entenda-o-processo-de-impeachment-de-trump-quem-testemunhou-e-o-que-pode-acontecer-nas-proximas-semanas.ghtml>. Acesso em: 30 abr. 2020.

G1. **Preço do barril de petróleo cai abaixo de US\$30 nos EUA e Brent recua 10%**. São Paulo, 16 mar. 2020a. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/16/preco-do-barril-de-petroleo-cai-para-us-30.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2020.

GRAMSCI, A. **Os cadernos do cárcere**. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRANATO, L. China declara que Wuhan está livre do coronavírus. **Exame**. São Paulo, 26 abr. 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/china-declara-que-wuhan-esta-livre-do-coronavirus/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

GUIMÓN, P.; MANETTO, F. EUA acusam Maduro de narcotráfico e o oferecem 15 milhões de dólares por informações que o levem à prisão. **El País Brasil**. São Paulo, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-26/eua-acusam-maduro-de-narcotrafico-e-oferecem-15-milhoes-de-dolares-por-informacoes-que-levem-a-detencao.html>. Acesso em: 30 abr. 2020.

HANDORF, W. O pânico de 2008: uma crise evitável. **Valor Econômico**. São Paulo, 12 set. 2011. Disponível em: <http://www.valor.com.br/opiniaio/1003422/o-panico-de-2008-uma-crise-evitavel>. Acesso em: 01 mai. 2020.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

HERMIDA, X. Mercosul impõe sanção política à Venezuela, para isolar Maduro. **El País Brasil**. São Paulo, 05 ago. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/05/politica/1501947965_233058.html. Acesso em: 02 mai. 2020.

HOBSBAWN, E. **Nações e nacionalismo, desde 1780**: Programa, mito e realidade. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. O Grande **Lockdown**: a mais grave retração da economia desde a Grande Depressão. Washington, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/News/Articles/2020/04/14/blog-weo-the-great-lockdown-worst-economic-downturn-since-the-great-depression>. Acesso em: 04 mai. 2020.

KIANEK, A. **Crise do petróleo já começa a afundar lucros das gigantes petrolíferas. Veja. São Paulo, 28 abr. 2020. Disponível em:** <https://veja.abril.com.br/economia/crise-do-petroleo-ja-comeca-a-afundar-lucros-das-gigantes-petroliferas/>. Acesso em: 01 mai. 2020.

LENIN, V. I. **L'impérialisme, stade suprême du capitalisme**. Paris, Moscou: Editions Sociales, EditionsduProgrès, 1975,

MANN, T. **A montanha mágica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARS, A. O ápice da ultra direita caminha lado a lado com Donald Trump. **El País Brasil**. São Paulo, 15 ago. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/13/internacional/1502645550_679199.html. Acesso em: 30 abr. 2020.

MARS, A. “*Me too*” chega ao centro do poder EUA. **El País Brasil**. São Paulo, 18 set. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/27/internacional/1538075016_496419.html. Acesso em: 01 mai. 2020.

MARTINS, C. E. O golpe de Estado no Paraguai e a América do Sul. **Carta Maior**. São Paulo, 24 jun. 2012. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/O-Golpe-de-Estado-no-Paraguai-e-a-America-do-Sul/6/25446>. Acesso em: 06 mai. 2020.

MARTIN, M. O pré-sal será aberto ao capital estrangeiro. Entenda o que muda. **El País Brasil**. São Paulo, 16 nov. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/25/economia/1477353770_864008.html Acesso em: 02 mai. 2020.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1957-8. Esboços da crítica da economia política. São Paulo, Rio de Janeiro: Boitempo, UFRJ, 2011.

_____. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011.

NASSIF, L. Entenda a estratégia da China, com sua moeda soberana digital. **GGN**. São Paulo, 02 mai. 2020. Disponível em: <https://jornalgnn.com.br/a-grande-criese/entenda-a-estrategia-da-china-com-sua-moeda-soberana-digital-por-luis-nassif/>. Acesso em: 03 mai. 2020.

OREIRO, J. L. Origem, causas e impactos da crise. **Valor Econômico**. São Paulo, 13 set. 2011. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniao/noticia/2011/09/13/origem-causas-e-impacto-da-criese.ghhtml>. Acesso em: 01 mai. 2020.

PARKER, R. O campo de concentração para crianças nos EUA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 jun. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/artigo-campo-de-concentracao-para-criancas-nos-eua-22809121>. Acesso em: 30 abr. 2020.

POULANTZAS, N. **Pouvoir politique et classes sociales**. Paris : François Maspero, 1971.

POZZI, S. Estados Unidos encadeiam o maior período de crescimento de sua história. **El País Brasil**. São Paulo, 16 jun. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/15/economia/1560602434_147668.html. Acesso em: 30 abr. 2020.

RABELLO, T. Gasolina recua em 23 Estados e no DF, diz ANP; valor médio cai 1,30%. **Uol Economia**. São Paulo, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2020/04/20/gasolina-recua-em-23-estados-e-no-df-diz-anp-valor-medio-cai-130-no-pais.htm>. Acesso em: 01 mai. 2020.

REUTERS. Alemanha acerta pacote de 750 bilhões de euros, para combater coronavírus. **Exame**. São Paulo, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/alemanha-acerta-pacote-de-750-bilhoes-de-euros-para-combater-coronavirus/>. Acesso em: 03 mai. 2020. c

REUTERS. França mais do que dobra pacote orçamentário de crise para 100 bi de euros. **UOL Economia**. São Paulo, 09 abr. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/04/09/franca-mais-do-que-dobra-pacote-orcamentario-de-criese-para-100-bi-de-euros.htm>. Acesso em: 03 mai. 2020. b

REVISTA FORUM. **Capitalismo selvagem**: EUA pagam mais e desviam equipamentos médicos com destino ao Brasil, Alemanha e França. São Paulo, 04 abr. 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/coronavirus/capitalismo-selvagem-eua-paga-mais-e-desvia-equipamentos-medicos-com-destino-ao-brasil-alemanha-e-franca/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

ROSA, B. As estatais chinesas que chamaram a atenção no leilão do Pré-Sal. **Época**. Porto Alegre, 06 nov. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/economia/as-estatais-chinesas-que-chamaram-atencao-no-leilao-do-pre-sal-24066343> Acesso em 14 mai. 2020.

SANZ, J. C. Sete anos de frustração desde a eclosão da Primavera Árabe. **El País Brasil**. São Paulo, 17 dez. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978_043457.html. Acesso em: 13 mai. 2020.

SILVA, M. L. Notas Gramscianas: Golpe de Estado e luta de classes no Brasil do século XXI. **Movimentação**. Dourados, v.4, n.7, p. 1-32, 2017.

_____. Os fundamentos do liberalismo clássico: a relação entre Estado, Direito e Democracia. **Aurora**. Marília, ano 5, n. 9, dez., 2011.

_____. A natureza e os fundamentos do neoliberalismo. **ORG & DEMO**. Marília, v. 14, n. 2, p. 127-154, Jul./Dez., 2013.

STUENKEL, O. Trump surfa na onda nacionalista dos Estados Unidos. **El País Brasil**. São Paulo, 13 jun. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/11/opinion/1528726170_343093.html. Acesso em: 30 abr. 2020.

TEIXEIRA, T. Trump na ONU. America First e a rejeição do globalismo. **GGN**. São Paulo, 01 out. 2018. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/eua-canada/trump-na-onu-america-fist-e-a-rejeicao-do-globalismo-por-tatiana-teixeira/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

THE WASHINGTON POST. Encontrar uma vacina contra a Covid-19 não será suficiente para acabar com a pandemia. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 13 mai. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,encontrar-uma-vacina-contra-a-covid-19-nao-sera-suficiente-para-acabar-com-a-pandemia,70003300984>. Acesso em: 14 mai. 2020.

TREVIZAN, K. Guerra comercial: entenda as tensões entre China e EUA e as incertezas para a economia mundial. **G1**. São Paulo, 16 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/16/guerra-comercial-entenda-a-piora-das-tensoes-entre-china-e-eua-e-as-incertezas-para-a-economia-mundial.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2020.

UOL ECONOMIA. **Petróleo WTI despenca 305% e é cotado em valor negativo pela 1ª vez**. São Paulo, 21 abr. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2020/04/21/petroleo-wti-despenca-305-e-e-cotado-em-valor-negativo-pela-1-vez.htm>. Acesso em: 01 mai. 2020.

VEJA. **Trump recua em direito LGBT e quer acabar com o conceito de transgênero**. São Paulo, 22 out. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/trump-recua-em-direito-lgbt-e-quer-acabar-com-conceito-de-transgenero/>. Acesso em: 01 mai. 2020.

ŽIŽEK, S. **Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.